

UM DESCUIDO CÓSMICO



Um descuido cósmico

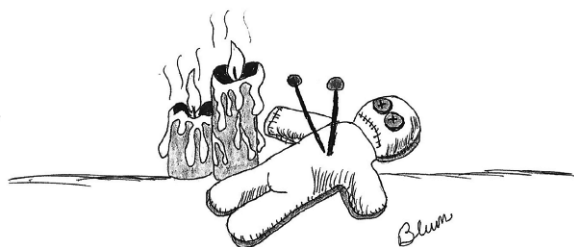
Liliana Blum



Para a menina Mónica Rojas, Mario de El librero de Jude, Lily Hernández, Willy Estrada de Librería Alfarabía, Majo Zulaica, Vania Monterrubio e Óscar Moreno, por sua amizade recente que iluminou meu ano com livros, carinho, apoio, risadas, ideias, cumplicidades e solidariedade. Quero-os perto de mim sempre.

Para Gabriela Salazar, Sara Uribe, Sergio Pérez, Atenea Cruz e Milena Solot, já de tantos anos. Seguimos.







Asa à cobra

Não foi tão difícil assim criar um boneco que representasse meu marido. Eu nunca fui muito boa realmente nos artesanatos da vida, já me diziam as freiras no colégio primário, quando eu tentava bordar alguma toalha de rosto para o Dia das Mães. Dedos podres, me diziam com um quê de carinho, mas um quê de burla ao mesmo tempo. Depois descobri que cortar e costurar uns retalhos não exigia um mestrado em física nuclear. E já que eu trouxe a construção do artefato à tona, deveria dizer a meu favor que, a princípio, não o vi como uma vingança. Eu, Faina, não sou esse tipo de gente. Nunca fui assim na verdade. Mas eu fiz como uma forma de terapia, uma válvula de escape para a impotência que senti depois que Orestes me traiu. Não uma, mas várias vezes. E o pior é que ele nem sequer teve a pachorra de me confirmar ou confessar ele mesmo. Como é energúmeno neste nível, descobri depois de um trabalho como detetive amadora que qualquer mulher que suspeita seria capaz de fazer. E quando o confrontei, o covardão, sem nenhum culhão, a princípio negou, mas diante das evidências não tinha mais remédio a não ser admitir. Na sequência, já juntou uma justificativa botando a culpa em mim: que meu trabalho absorve todo meu tempo, que sempre estou cansada, que já não fazemos nada juntos. Porque é claro que a culpa dos cornos que ele botou na minha cabeça como se eu fosse uma vaca premiada era toda minha.

Idiota. Às vezes me pergunto o que foi que eu vi naquele homem. Se um dia, por um acaso, em algum momento, houve algo de que eu gostasse nele o bastante para decidir passar a vida inteira juntos, eu já não podia lembrar. Foi por Aristeu, seu irmão, que na época era o diretor da escola onde eu trabalhava, que o conheci. Aristeu foi sempre o mais bonito dos dois, também o mais inteligente, mas... já estava casado. Então, por alguma razão (esta), me vi obrigada a escolher me casar com o feio, desajeitado, mas solteiro, como se fosse o único remédio para a doença de estar sozinha. Ou como se só existissem esses dois homens no planeta.

Era realmente feio que dói, e com um cinismo que só os machos infíéis são capazes de ter. E, assim, Orestes abriu o potinho de flocos ao lado do aquário e começou a alimentar seu estúpido e monstruoso peixe japonês, Chivigón¹. Eu queria pegar aquele peixe de testa enrugada e esmagá-lo com meu punho até que virasse um purê alaranjado saindo entre meus dedos. Suportaria com estoicismo o asco da cena só para causar algum mal ao idiota do meu marido. Mas que culpa têm os filhos dos pecados dos pais, não é mesmo? De todo modo, essa reflexão não me impediu de sentir a ira percorrer cada uma das minhas células; o calor escorrendo pela minha cabeça, passando por todo meu corpo até terminar nos meus pés; a vontade de bater no meu marido, o desejo de matá-lo, de lhe fazer muito mal no processo, pensei que não podia permitir. Não porque ele não merecesse, mas porque claramente existem desvantagens em matar o cônjuge, desde as econômicas até as possibilidades de terminar na prisão. Ainda assim, precisava sublimar esses sentimentos que me consumiam. Não há nada que desgaste mais

¹ Chivigón é o nome de um dragão japonês companheiro de Señorita Cometa, personagens principais do mangá japonês *Señorita Cometa* que, além de ser adaptado para o anime, também virou série televisiva no final dos anos 1960 e fez muito sucesso no México. (N.T.)

um casamento do que a raiva, ou talvez um câncer ou o uso exagerado e prolongado de drogas.

Orestes lavou as mãos, abriu a geladeira e tirou de dentro dela um balde de papelão com o logotipo de uma franquia de frango frito. Com os olhos bem abertos, apontou para a caixa: sua maneira de perguntar se eu estava servida. Não consegui entender como, depois de confrontá-lo por destroçar minha vida, seu apetite não havia diminuído nem por um segundo. Ele se sentou para comer, fazendo uns rangidos grotescos que foram capazes de aumentar ainda mais o meu desejo de lhe causar muito, muito dano. Não sei como me ocorreu a ideia, mas foi possivelmente o próprio frango frito, que ele devorava como um porco, o que a desencadeou: frango cajun — Nova Orleans — magia negra — boneco de vudu — o que você merece. Sim, a associação pode ter sido essa. Quando meu marido infiel começou a limpar as mãos gordurosas em meio pacote de guardanapos, para depois arrotar e tomar uma cerveja, eu já tinha meu plano. E como sou uma mulher de atitude e periculosidade, daquelas que quando reclamam de algo não é para que as consolem, mas porque em seguida vão colocar as mãos à obra, fiz exatamente isso.

— Aonde você vai, Faina? — Escutei que perguntou mais por compromisso do que por outra coisa. Desde nosso confronto, ele tinha adotado a atitude de “aqui não aconteceu nada, mas por acaso estou me tornando um marido exemplar”. Para ele, isso significava levar seu prato sujo até a pia, não contatar sua amante por um tempo, ao menos não enquanto eu estivesse em casa, colocar as garrafas de cerveja vazias na lixeira e suas cuecas, sempre sujas de freio, no cesto de roupas para lavar. Supus que, em sua primitiva cabeça, ele pensava que eu deveria estar agradecida por ações tão incomuns.

— Preciso de algumas coisas de bazar — respondi com frieza. E como eu nunca minto, fui realmente ao bazar para comprar um metro de tecido branco e enchimento de travesseiro. Já com

os utensílios na minha bolsa, caminhei um bom tempo pelo centro. Depois comprei um milho assado com muita maionese, queijo e pimenta. Sentei-me num banco de praça para admirar a Catedral de Durango e para fantasiar com meu projeto de costura. Embora não soubesse se funcionaria ou não, experimentei uma emoção já há muito esquecida para mim: entusiasmo.



Na manhã seguinte, quando Orestes saiu para o escritório, me servi uma garrafa térmica inteira de café, coloquei meus tênis e fui até a Biblioteca Central. Com estoicismo e panturilhas petrificando-se, consegui chegar na entrada principal. Dei meia-volta e vi a enorme escadaria que acabara de subir. Por um segundo tive a fantasia de me deixar cair, como quem se lança de cabeça em uma piscina, para rolar escada abaixo pelas centenas de degraus. Morreria instantaneamente ou no máximo ficaria paraplégica? Guardei minha garrafa térmica vazia na mochila, endireitei as costas e entrei na biblioteca cumprimentando a funcionária do balcão, que respondeu com um grunhido.

Foi uma grande decepção encontrar um lugar que não se parecia com aquela imagem de bibliotecas que eu tinha projetado a partir de filmes e séries dos Estados Unidos. Era mais parecida com um supermercado em um país comunista, eu acho, cheia de prateleiras vazias. Quando me aproximei, verifiquei que os poucos livros que restavam eram quase todos doações realizadas por todo tipo de pessoas, pelo jeito, a maioria pouco letrada, a julgar pelos títulos de receitas de cozinha saudável já fora de moda; vários de superação pessoal; política de mandatos passados; biografias de atores do cinema nacional; manuais de ervas medicinais; compilados de letras de músicas populares;

publicações de *La familia Burrón* e de *Memín Pinguín*², e alguns *bestsellers* traduzidos nos anos 1970. Para minha surpresa, no meio disso tudo, encontrei uma velha Enciclopédia Britânica que tinha um bom verbete sobre magia negra no Caribe, África e Nova Orleans. Fui até uma escrivaninha de madeira, mutilada por anos pelos estiletes dos estudantes, abri meu caderno e comecei a tomar nota. Não sem antes colocar meus fones de ouvido para não escutar as risadas de um grupo de adolescentes na mesa ao lado e o incômodo falatório da bibliotecária com a tia da limpeza.

Quis buscar mais livros para completar o que encontrei na enciclopédia, e entrei na fila atrás de um senhor careca e obeso que revisava uma gaveta, bloqueando o resto dos fichários. Depois de um tempo, fingi limpar a garganta para fazê-lo entender que não era o único com direito a consultar as fichas bibliográficas, mas, após virar-se para trás com certa dificuldade, ele só se dedicou a me lançar um olhar fulminante e voltou ao que estava fazendo, girando os cartões com parcimônia, como se estivesse lendo uma revista ociosamente. Cruzei os braços, suspirei o mais pesado que pude, e me dediquei a bater um pé no chão sem parar como se fosse o coelho do *Bambi*. Depois de uns dez minutos, o velho finalmente se rendeu, fechou com força as gavetas abertas, fazendo tanto barulho que até a bibliotecária teve que advertir.

— Gordo cretino — disse alto o suficiente para que ele pudesse me ouvir. Li vários títulos até que encontrei a ficha de um que parecia perfeito: *Religião vudu: histórias, ritos e fenômenos*

² Considerado um clássico na história mexicana, *La familia Burrón* é uma revista em quadrinhos lançada pela primeira vez em 1948 e que, sem interrupção, só teve seu último número publicado em 2009. Já *Memín Pinguín* é um personagem mexicano de histórias em quadrinhos com periodicidade semanal, que surgiu em 1943 e representava uma criança negra ingênua e travessa. Anos depois, causou muita polêmica pela forma como representava as questões de raça. (N.T.)

da possessão, de Nélida Agosto Citrón. Sem dúvida era meu dia de sorte, encontrar um livro assim em um acervo tão miserável como este. Fiquei com ele um bom tempo, escolhendo alguns capítulos para depois gastar uma pequena fortuna em fotocópias que a mesma bibliotecária tirou para mim.

Saí radiante e feliz, e então fiz uma pequena caminhada. Dei a volta na quadra do edifício da biblioteca até chegar à estação do pequeno teleférico que cruza do morro do Calvário até o morro dos Remédios. Durante todo o percurso, pensei em Orestes. Teria inteligência suficiente para saber que o que estava prestes a acontecer com ele era apenas uma consequência de seus atos? Nunca foi um homem brilhante. Suspirei. Teria que descobrir isso assim que colocasse o plano em prática. Um casal já maduro, de mãos dadas, me sorriu com esse sorriso estúpido que levam os apaixonados na cara no início de um relacionamento. Apostaria o que fosse que ambos estavam casados com outras pessoas. Mas respondi com um sorriso, ainda que esse não tentasse esconder sua falsidade, e me concentrei em observar os telhados dos edifícios.

Já em casa, servi o lanche para Orestes e comemos como sempre comemos, há anos, em frente à tevê, assistindo a qualquer coisa para evitar toda e qualquer conversa.



Algumas pessoas asseguram que sou a mulher mais pacífica do mundo. Já inclusive me tacharam de boazinha em várias ocasiões quando me descobriram fazendo alguma ação de caridade. E como nunca faço o sinal da cruz ao viajar de avião nem digo “se Deus quiser” antes de qualquer plano, assumem que não só sou ateia, mas que também sou muito racional. O fato de que fui professora de ciências em uma escola secundária até me casar também não ajuda a desmentir essa crença. As pessoas em geral, sabemos, pressupõem uma infinidade de coisas

a partir das vozes de suas cabeças. Só de ver a ponta do iceberg, ou qualquer coisa fora do contexto, já é o suficiente para criar uma história que lhes agrada ou lhes convém, mesmo que ela distorça completamente a realidade. Mas a confusão do lé com cré não me transforma na versão que inventaram. Agora que o incidente com Orestes se difundiu por aí, as pessoas terão que repensar suas teorias.

Terminei o café e lavei a xícara antes de me inclinar pela janela que dá para a frente da casa. Nada. Ninguém. Tirei do armário a sacola do bazar que escondi atrás dos rolos de papel higiênico e de alguns produtos de limpeza. A forma mais fácil de fazer o boneco seria imprimindo uma foto de corpo inteiro de Orestes em algum tipo de papel plastificado, e depois costurá-lo em cima de um pedaço de tecido. Faltaria depois fazer tipo um bolso na parte de trás e recheá-lo, como uma pequena almofada. Claro que, se alguém visse o boneco, seria mais do que evidente quem ele representava. Por outro lado, um boneco mais tradicional poderia ser qualquer homem de corpo flácido, com bigode e meio calvo.

Estendi um plástico sobre a mesa da cozinha, sintonizei na estação de baladas clássicas no rádio e mão na massa. Desenhei uma figura de uns cinquenta centímetros sobre o tecido. Não queria uma miniatura de boneco, mas algo que pudesse embalar entre meus braços. Recortei, enchi de espuma e costurei usando o dedal. Em pouco tempo já tinha um boneco genérico, sem traços específicos, com potencial de ser qualquer um. Agora só faltava personalizá-lo, incuti-lo de oresticidade. Para isso, subi até o nosso quarto e procurei no armário alguma camisa do meu marido que não tivesse sido usada há um tempo. Encontrei uma de flanela, amassada entre um suéter e um casaco: “perfeita”, pensei. Do fundo de uma das gavetas, tirei uma cueca de cor preta que seria muito útil para fazer as calças, os pequenos sapatos e até mesmo uma boina ridícula como a que ele usa às vezes quando sai para jogar golfe.

Depois peguei a escova de dentes dele e com ela juntei os pelos que deixou na pia do banheiro ao se barbear pela manhã. Coloquei uma folha de papel como se fosse uma pá, e voltei para a cozinha. Com um canetão preto, marquei o que seriam os olhos, o nariz e a boca. Em seguida, usei um pouco de cola branca e, com a pinça de sobancelhas, fui colocando a barba do meu marido sobre o rosto do boneco para lhe formar um bigode. Assoprei com muito cuidado. E o contemplei por um momento, para ver se lhe faltava algo. Claro, cabelo! Voltei ao banheiro e posicionei o pente que Orestes usa contra a luz: bingo! Havia vários cabelos emaranhados lá. Cortei-os cuidadosamente para fazer pequenas versões da cabeleira e passei cola sobre o pequeno crânio nu.

Levantei o boneco para avaliar meu progresso. Estava ganhando sua forma. Com o canetão, marquei seus mamilos e um diminuto pênis no lugar onde geralmente vão essas coisas. Virei e contornei a linha das nádegas. Também desenhei uma série de molinhas negras por toda a superfície das costas: seriam os pelos de *Homus primitivus* que o cobrem. Satisfeita com o resultado, comecei a cortar o tecido da camisa para confeccionar uma réplica; também as calças a partir da cueca velha de elástico esgarçado. No último instante, decidi que não precisava de sapatos. Observei-o e ainda me parecia que faltava alguma coisa. Subi correndo as escadas com agilidade que há muito não tinha e desci o frasco de loção favorita de Orestes. Um pouco de Hugo Boss e agora, sim: era ele. “Victor Frankenstein deve ter se sentindo assim”, pensei com orgulho, e lamentei não ter ninguém com quem compartilhar minhas conquistas.

Quando vi o relógio em forma de Gato Félix, meu coração deu um salto: as horas tinham passado voando. Não faltava muito para que meu marido chegasse para almoçar e eu não tinha nada pronto. O peito de frango ainda estava congelado e não dava tempo nem de fazer um arroz. Corri primeiro para recolher os retalhos de tecido para jogar no lixo e eliminar

qualquer vestígio que pudesse me delatar. Escondi o boneco na parte de baixo do aparador da sala de jantar, que era da minha avó e no qual guardo a prataria, as taças de cristal e a louça para visitas. Como precaução extra, o cobri com umas toalhas de mesa bordadas que nunca usamos. “Aqui você fica quietinho”, disse-lhe, como quando era criança e falava com as minhas bonecas.

Enquanto terminava de limpar e arrumar a mesa, encontrei uma solução para o problema da comida: liguei para uma pizzaria local e pedi a pizza que Orestes menos gosta: a de pera com queijo de cabra, uma grande. Minha favorita. Desfrutei deste poder que sua culpa me concedia, em seu status atual de cachorro com o rabo entre as pernas. Ele não me reprovaria por aquele gasto nem diria que pizza sem nenhum tipo de carne não é pizza de verdade. Procurei na minha prateleira secreta da despensa, onde guardo as garrafas que às vezes me acompanham nas tardes, e tirei uma de tinto. Não só me servi uma taça, como já comecei tomando um gole, que me encheu de satisfação. Depois fiquei olhando o rabo negro do gato-relógio se mover de lá pra cá como um pêndulo. O resto do ritual teria que esperar.



No dia seguinte, depois de tomar o café pela manhã e me certificar de que Orestes não voltaria porque esqueceu alguma coisa, decidi agir. Tinha que invocar um espírito para que me ajudasse a dar uma lição em meu marido infiel. Acho que não é demais justificar que eu não estava naquela situação por vingança, mas por uma questão de fuga terapêutica, para canalizar minha ira, de maneira controlada. Que fique claro. A intenção pode fazer toda a diferença do mundo para a mesma ação. Saí para a areazinha da lavanderia e me ajoelhei no chão, com o boneco ao meu lado. Não queria causar um incêndio na casa

nem deixar nenhum rastro do ritual: o último lugar onde meu marido poderia entrar era onde se lavava a roupa e se guardavam os utensílios de limpeza. Acendi a vela negra que me venderam na feira; tinha um cheiro estranho e desagradável, mas me obriguei a conter o enjoo que ameaçava subir pelo canal da traqueia e tentei me concentrar na pessoa que meu boneco representava. Com um giz, copiei das minhas folhas de anotações o *vevé*, uma espécie de diagrama que eu deveria traçar no chão e que funciona como um farol para os *loa*, os espíritos do vudu. Minha mão tremia, como se eu fosse uma menina de quatro anos aprendendo a escrever.

“Espero que isso funcione”, pensei. O cômodo não era nenhum templo, nem eu uma sacerdotisa. Só o tempo e as reações do meu marido me comprovariam. Agarrei um punhado de farinha de milho de um saquinho de juta e, deixando a farinha escorrer entre meus dedos, tentei refazer o traço de giz do *vevé*. Percebi que estava prendendo a respiração e ficando tonta, então respirei profundamente várias vezes, sacudi a farinha da minha mão e peguei a folha onde tinha anotado a oração para Papa Legba.

Ó, bom Legba, ouça-me: abra a porteira.
Papa Legba, abra a porteira.
Abra a porteira para que eu possa entrar.
Vudu Legba, abra a porteira.
Agradecerei aos *loa* quando regressar.
Ababó.

Quase me esqueci da parte do sacrifício. Tive que me apoiar para levantar: os joelhos estalaram e os músculos da minha coxa se queixaram pelo entorpecimento. Fui até o escritório de Orestes e, com uma tigelinha, capturei Chivigón. Pensar em tocar o peixe me produzia asco e ansiedade em proporções idênticas. Só quando voltei para a lavanderia é que me dei conta de que fazer um sacrifício era uma noção muito vaga. Não implicava necessariamente uma tortura de qualquer gravidade, só oferecer uma vida em troca de algo mais. Então talvez não

precisasse matar o monstruoso peixe-globo; bastaria deixá-lo morrer. Isso também resolvia o problema de explicar sua ausência quando Orestes voltasse do trabalho e notasse o aquário vazio. Se eu cortasse o peixe em pedaços, por exemplo, teria que me desfazer dos troços no vaso sanitário. Em vez disso, se Chivigón morresse de causas naturais induzidas, eu poderia devolver o seu cadáver à água e fingir demência quando meu marido me perguntasse por ele. Depois de tudo, os peixes de aquário morrem de repente, não é?

Esvaziei a água da tigela na peneira e depois aproximei o recipiente da vela preta, cuidando, claro, para que o peixe não caísse na chama e, apenas em um murmúrio, pronunciei:

— Papa Legba, entregue-te a vida desta inocente criatura chamada Chivigón.

Mal terminei de falar, o dito cujo começou a pular de um lado para o outro como uma panqueca na frigideira, arfando por ar. Fechei os olhos: não me interessava vê-lo sofrer. Depois de alguns minutos, parou de se mover. Queria testar se o feitiço funcionava ou não, mas pensei que seria melhor limpar a sujeirada e ficar de olho na hora. Guardei o Orestes de pano com os instrumentos de tortura num saco que coloquei dentro da máquina de lavar.

Como uma Cinderela que se presta, derramei um balde de água com desinfetante sobre o desenho no cimento e esfreguei com uma vassoura. Depois voltei ao escritório e deixei cair o cadáver do peixe japonês no aquário que borbulhava com sua bomba, como se nada de incomum tivesse acontecido. Na lixeira da cozinha joguei fora a vela, a tigela, o caderninho de anotações e o giz. E, por fim, fechei o saco preto e o coloquei no lixão de fora, aonde o caminhão da coleta o levaria mais tarde. O relógio de gato na parede anunciava que ele não tardaria em chegar. Eu estava exausta. Decidi me premiar com mais uma taça de vinho para acalmar a vontade de experimentar o boneco naquele mesmíssimo momento.

Às três da manhã, acordei como se tivesse colocado o despertador. Ao meu lado, Orestes roncava de uma maneira que me fez querer ser lésbica ou, no mínimo, uma mulher solteira. Se o barulho era repugnante, mais ainda era o seu aspecto físico enquanto dormia: a baba escorria pelo canto da boca aberta manchando o travesseiro e os lençóis com um cheiro fétido, com os olhos semiabertos mostrando o branco dos glóbulos... Não aguentei mais, calcei as pantufas e saí na ponta dos pés. Já no corredor, me relaxei um pouco. Ele nunca tinha tido o sono leve, não seria agora; eu estava me preocupando demais. Desci as escadas sem acender a luz, fui até a área de serviço e tirei a sacola com o boneco e os outros acessórios de dentro da máquina de lavar.

Fui até a cozinha e estendi o boneco sobre a mesa. Com os olhos fechados e pensando no traíra, voltei a entoar o canto para invocar Papa Legba. Lembrei-me dos e-mails melosos que sua amante trocava com ele, com fotos de uma escapadinha que tiveram em Mazatlán enquanto eu acreditava que ele estava na matriz da empresa onde trabalha na Cidade do México. A ira começou a percorrer o meu corpo novamente. Eu estava quente e ácida, como se revivesse a descoberta. Coloquei o boneco de bruços, peguei um alfinete com ponta vermelha e fui cravando devagarinho no que seria a parte inferior das costas. Será que funcionaria? Enrolei um pedaço de corda no pescoço do Orestes de pano, apertando com firmeza. E só para deixar barato, peguei o frasco de pimenta na prateleira e esfreguei o pó na área dos genitais. “Que bobagem”, pensei. As três da manhã são uma hora perigosa: ou você ataca a geladeira ou começa a acreditar em magia negra. Guardei todas as coisas no devido esconderijo e me servi um copo de leite antes de voltar para o quarto. Tudo parecia igualzinho a como eu deixei. Mas, de repente, me senti muito cansada. Nem sequer escovei os dentes: apenas me meti na cama e deixei que o sono me vencesse.



De manhã, não foram os passarinhos, nem o carro do pão ou o despertador, mas o escândalo de Orestes que me acordou. Sentado na cama com os pés apoiados no tapete e de costas para mim, ele convulsionava numa combinação de pigarro e tosse. Como esposa exemplar, desci correndo até a cozinha para buscar um copo de água. Ele tomou um gole e pareceu estar melhor. Notei a marca avermelhada ao redor do pescoço, mas não disse nada.

— Obrigado. Acho que estava com a garganta muito seca.

Levantou-se, e foi nesse momento que soltou um grito agudo. Levou as duas mãos à parte superior de seus inexistentes glúteos e reclamou de uma dor alucinante na lombar. Ajudei-o a se deitar de bruços e levantei a camiseta que ele usava para dormir. Ali, na pele, havia uns pontos vermelhos que poderiam ser qualquer coisa. Fui ao armário de remédios, busquei um creme para dor muscular e comecei a esfregar. Os gemidos de dor foram se transformando pouco a pouco em sons de prazer, como se estivesse fazendo uma massagem na praia.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntei limpando as mãos numa toalha umedecida. — Tenho que ir ao banheiro me arrumar.

Ele tentou girar sobre si mesmo para responder e o vi lutando contra seu peso e a gravidade como um besouro com as patas para cima. A compaixão me venceu e fui ajudá-lo. Assim que finalmente se virou, começou a tirar a cueca com desespero. Quando conseguiu, vi como em seu rosto se registrava o terror ao olhar para as suas partes vergonhosas: a pele avermelhada e coberta por erupções cutâneas realmente assustadoras. Corri de volta ao armário para buscar a pomada de arnica. Tive que esfregá-la em todas as áreas adjacentes ao apêndice enrugado que se escondia detrás do matagal preto de seus pelos. Sem que nenhum de nós dois planejássemos, seu corpo respondeu ao meu toque, como há muito não acontecia. Eu me deixei levar, talvez porque tinha passado tanto tempo desde a última vez que me

pareceu algo novo. E não é que eu sentisse falta disso, mas, sim, desejava mudanças na rotina. Só que, no final, foi o mesmo de sempre: Orestes em cima de mim, ofegante, com sua barriga enorme roçando contra a minha, enquanto tentava realizar os movimentos de cópula com pouco sucesso, deixando seu suor escorrer sobre meu rosto. Nunca me deu um orgasmo antes e desta vez não foi exceção, mas pelo menos a fricção entre minhas pernas chegou a ser agradável por um momento, tanto quanto aquelas mãozinhas arranhando minhas costas. Quando terminamos, já não lhe doíam as costas, a garganta não deu mais problemas e sua pele tinha voltado ao normal.

Tomei um banho e, enquanto deixava a água quase fervendo escorrer sobre mim, cheguei à conclusão de que os efeitos do vudu eram bastante leves e fáceis de solucionar. Passei de um extremo a outro em um instante: primeiro pensei que não tinha funcionado e, depois, ao lembrar os efeitos no corpo de Orestes, fiquei assustada, porque pensei que poderia ter sido muito mais grave. Depois, me enrolei na toalha, passei meu creme anti-idade e percebi que já estava tranquila outra vez. Era uma prática segura, não era? Eu, claro, mais uma vez, como sempre, preocupada com ele.

Ao longo do dia, enquanto fazia as compras e depois faxinava a casa, percebi que meu marido não tinha feito a conexão entre os males que tivera e sua infidelidade. Já eu fiquei com a ideia de que o boneco vudu era mais uma terapia pessoal para sentir que a justiça era feita aos poucos. Que mal havia nisso? Mas depois pensei que se ele entendesse que o que lhe acontecia era um castigo, um exercício didático, poderia ser uma experiência transformadora. Nunca vingança, só aprendizado. Só que eu não atingi esse objetivo, afinal, aquele sexo inesperado acabou por tornar tudo uma espécie de prêmio para ele, quando eu tinha prometido a mim mesma que só lhe daria minha frieza e abstinência. Agora eu precisava corrigir o malfeito. Orestes era como aqueles cães de colo histéricos que não param

de latir e eu, em vez de colocar uma coleira nele com choques elétricos, lhe ofereci um biscoito. Ele parecia tão satisfeito que nem sequer mencionou o fato de que Chivigón flutuava inerte no aquário. Talvez tenha pensado que tinha sido culpa dele por esquecer de alimentá-lo; à noite o aquário estava drenado, com o mergulhador deitado sobre as pedras coloridas, como um náufrago sem sorte.

Na madrugada, então, fui buscar o boneco e decidi levá-lo comigo para a cama que dividíamos. Os roncos de urso pardo de Orestes eram tão fortes quanto de costume. Deitei-me de costas para ele, peguei o alfinete de cabeça vermelha e comecei a cravá-lo no torso do boneco, como na cena do chuveiro em *Psicose*. Quase imediatamente, senti um movimento atrás de mim. Levantei e vi meu marido levando as mãos ao peito e ao estômago, gemendo de dor, mas sem acordar. Foi quando eu comecei a sussurrar suavemente, bem perto do seu ouvido, quase de maneira romântica:

— Isso acontece por ter enganado a Faina.

Como resposta, recebi um grunhido de porco chafurdando por trufas. Era evidente que a mensagem não estava sendo recebida, então piquei a planta do pé do vudu; Orestes contraiu-se quase simultaneamente, como se estivesse fazendo um abdominal para alcançar seu pé.

— Os homens infíéis vivem menos.

Ele se revolveu sobre os lençóis até ficar de barriga para cima como um camarão gigante. Pouco depois, sua respiração se tranquilizou outra vez, pausadamente.

— Há consequências para todos os atos que cometemos. E o que você fez com a Faina é imperdoável.

Pressionei com força minha mão contra o rosto do boneco e comecei a contar os segundos bem baixinho. Antes de chegar ao minuto, Orestes se moveu bruscamente como se estivesse em um ataque epilético, levando as mãos ao rosto, tentando tirar algo que não estava lá. Foi então que ele abriu os olhos

de súbito e me surpreendeu a olhá-lo com uma mórbida fascinação ao comprovar os efeitos do vudu. De imediato, larguei o boneco e consegui jogá-lo num canto do chão antes de ser descoberta.

— Que diabos você fez comigo, Faina?

Eu poderia ter iniciado uma briga naquele momento. Com que direito ele me falava naquele tom tão violento, principalmente depois da grande afronta aos nossos votos matrimoniais? Mas, em vez disso, resolvi me acalmar e respondi muito à vontade:

— Eu? Nada, só estava preocupada com você. Parecia que você estava se afogando.

Ele me fulminou com um olhar carregado de rancor, mas com algo de suspeita. Sem dizer nada, se levantou e foi até o banheiro mijar. Ouvi seu jato fraco, que demorava alguns segundos para começar a sair; não precisava estar lá pra saber que ele deixava cair suas gotas nojentas e amarelas pelo assento e no pé da privada, sobre o tapetinho cor de pêssego. “Vou ter que colocar pra lavar amanhã de manhã”, pensei, e empurrei o boneco para debaixo da cama. Estava me deitando novamente quando ouvi o grito de Orestes vindo do banheiro:

— Você me fez isso, sua maluca! — disse, se plantando em frente à cama, mostrando seu torso pálido com o peito peludo e caído, e o ventre inchado, todo coberto de marcas vermelhas de punção, rodeadas por um hematoma arroxeadado.

“Pensa rápido, Faina: o que qualquer esposa com raiva, mas inocente de praticar vudu ao seu marido, faria? Já”, pensei, levantando-me com relativa agilidade, para contornar o colchão. Acendi a lâmpada do criado-mudo e me aproximei da pele de Orestes para examiná-la, tocando-a com cuidado e fazendo uma expressão de estranheza.

— Você acha que eu fiz isso com você? Seria lindo se eu pudesse fazer um feitiço para me vingar das desonras que você me trouxe, mas Deus não dá asa à cobra — disse, fingindo estar

ofendida. — Não será que temos percevejos na cama? — Levantei o lençol fazendo um gesto de nojo. — Talvez você os tenha trazido da cama do motel onde levou sua amante.

Meu marido abriu a boca para dizer algo, mas pensou melhor e se limitou a fechar os punhos e me lançar um olhar violento e inofensivo ao mesmo tempo. Bom garoto. Algo aprendeu.

— Senta que eu te passo creme de arnica — eu disse, como uma trégua, e fui buscar o frasco no armário de remédios. Quando voltei, Orestes estava sentado no colchão e, como uma criança zangada e emburrada, deixou que eu lhe passasse aquele placebo.



Prolonguei a tortura da madrugada durante várias semanas. Nunca fiz nada de grave ou que colocasse a vida de Orestes realmente em perigo. Quer dizer, não até o final, mas isso foi um grande erro. Deveria enfatizar que, na verdade, a magia vudu me serviu de terapia para canalizar os sentimentos sombrios que fermentaram dentro de mim depois de descobrir as traições. Embora eu deva admitir que talvez tenha se tornado, sim, um pouco de vingança, gostaria de dizer que somente do tipo passivo-agressiva, ainda que por vezes mais agressiva que passiva. E qual é o limite da satisfação? Quando sabemos que o outro já pagou o que deve da ofensa inicial?

É possível que eu tenha falhado nesse cálculo. Caberia a possibilidade de considerar que eu prolonguei o tormento por muito tempo e, como acontece às vezes com a ambição, não soube quando parar. Ou talvez tenha mesmo começado a gostar disso, ultrapassando o limite. Não sei. Mas os estragos no meu marido estavam evidentes demais, em particular para sua família e seus colegas de trabalho. E, sim, ele parecia estar sofrendo, não só pelas feridas que o vudu provocava no seu corpo, mas porque sua qualidade de vida diminuiu exponencialmente com as noites

mal dormidas que eu lhe proporcionava. Não percebi a tempo, bem, ou até percebi, mas de alguma forma me alegrava ver que seu físico se assemelhava a como eu me sentia por dentro. Ele me devia essa. E ainda que no início eu não pretendesse me vingar, quem sou eu para questionar os caminhos misteriosos da vida e do acaso.

Foi na tarde em que meu cunhado Aristeu o levou para fazer uma série de exames, recomendados por um médico especializado em medicina interna que não conseguia explicar o conjunto de lesões e desconfortos que Orestes relatou durante a consulta. Eu tinha ficado em casa, alegando que não gostava de hospitais, o que era verdade. Preocupava-me que, em algum momento, um dedo fosse apontado para mim. Segundo a minha opinião, não havia nada que me ligasse ao que estava acontecendo, mas nunca se sabe. Nunca fui boa em adivinhar quem era o assassino nos romances policiais.

Para dissipar qualquer suspeita e conquistar meu cunhado — caso eu não tenha mencionado, o mais bonito dos irmãos —, preparei minha famosa torta de maçã com o sorvete de baunilha que tinha no congelador: a combinação perfeita. Seria uma boa tarde para todos. Depois disso, vou parar com o vudu, prometi a mim mesma enquanto introduzia um palito na cobertura da torta para verificar seu cozimento.

Ainda faltava um pouco. Considerei lavar a tigela da batedeira, me sentar para ler um romance de Judith Rossner, ou brincar pela última vez com o boneco até que a torta terminasse de assar. Pensei que era preferível lavar todos os pratos e potes sujos, acumulados da preparação da torta e do creme, o livro continuaria me esperando o tempo que fosse necessário. Só que em vez de seguir o plano, busquei o boneco, que teria que ser destruído, porque já era hora de parar. Mas talvez uma última vez?

Recostei-o na bancada da cozinha, ao lado do fogão. Depois de quase dois meses de uso contínuo, ele estava bastante maltratado. Já tinha feito de tudo e minha criatividade estava quase se

esgotando. E se eu introduzisse o palito por onde não se deve? Não seria ir longe demais, algo doentio da minha parte? O que esse ato diria sobre mim mesma? Estava tão concentrada ponderando as diferentes implicações morais do ato que não escutei o carro do meu cunhado até que estivesse estacionado em frente à casa. Ouvi as vozes dos irmãos conversando.

Dizer que fiquei aterrorizada seria pouco. Fiquei paralisada por preciosos segundos até que já era muito tarde para sair correndo: eles já tinham entrado pela porta principal, de onde se podia ver a entrada da cozinha. Então fiz a única coisa que me ocorreu naquele instante: abri a porta do forno e joguei o boneco atrás da forma da torta, que, por sinal, já estava pronta. O aroma invadiu a cozinha e o resto da casa.

— Hmm... que cheiro bom, cunhada — disse o irmão de Orestes atrás de mim. Em que momento ele tinha se aproximado tanto? Meu plano era que sua única vista fosse a do meu traseiro enquanto me agachava para tirar a torta com as luvas postas, mas ele tinha visto algo, porque perguntou apontando para o forno:

— O que é aquilo ali?

Eu fechei a porta com o maior disfarce possível e coloquei a torta sobre uma base de cortiça para esfriar.

— Um pedaço de pano — disse, sem dar importância. — E os exames, como foram? Quando saem os resultados? — perguntei ainda de costas para ele, tratando de me recompor, endireitando-me e tirando o avental. Se havia calma na minha voz era porque eu sabia que não se tratava de nada crônico ou mortal, e tinha certeza de que os médicos chegariam na mesma conclusão de que não havia nada de errado com ele. Meu marido infiel só precisava corrigir seu comportamento, colocar o sono das noites mal dormidas em dia, e estaria novinho em folha. Talvez faltasse incluir um multivitamínico na sua dieta e emagrecer, mas nada demais.

— Parece um boneco ou algo assim — insistiu Aristeu.

Estava me virando para explicar que era só um pano que geralmente coloco depois de cozinhar para absorver os odores do forno — os homens acreditam em qualquer coisa quando se trata de cozinha —, quando o grito dos irmãos congelou meu sangue. Meu cunhado, uma representação humana do quadro de Edvard Munch, gritava vendo seu irmão arder. Orestes bradava com o grito mais aterrador pedindo ajuda enquanto as chamas o envolviam. Ou talvez dissesse alguma coisa: era difícil entendê-lo. Não sei por que, mas pensei na sarça ardente que falava com Moisés.

Não conseguimos salvá-lo. Nem com o pequeno extintor que guardava no quintal de serviço, nem jogando água com a tigela da batedeira. Não foi vingança, juro. Nunca planejei nada assim. Embora minha avó já dissesse que toda mulher merece alguns anos de viuvez, isso não deixava de ser uma tragédia tão grande que a notícia ultrapassou a fronteira do local e chegou aos telejornais do horário nobre: “Homem de Durango morre carbonizado na frente de seus familiares em aparente e inexplicável combustão espontânea”.

Estou pensando em comprar uns peixes-palhaços, como os do filme do *Nemo*, para dar nova vida ao aquário vazio, que agora parece muito fúnebre.